

UMA NARRATIVA DA GRANDE ACELERAÇÃO EM TELA NO FILME *OLD* (2021)

Scheyla Joanne Horst (UFPR)¹

Klaus F. W. Eggensperger (UFPR)²

Resumo:

Uma praia isolada onde o tempo passa rapidamente pode ser interpretada como uma metáfora para compreender problemáticas relacionadas à grande aceleração. É este o cenário da história em quadrinhos francesa *Château de Sable* (*Castelo de Areia*, 2010), do escritor Frederik Peeters e do ilustrador Pierre-Oscar Lévy, que foi uma inspiração para o filme *Old* (*Tempo*, 2021), do cineasta M. Night Shyamalan. Este texto propõe, por meio de um olhar ecocrítico, a abordagem acerca deste longa-metragem com base em reflexões sobre as narrativas do Antropoceno, pelos apontamentos de Gabriele Dürbeck (2020), e de como o ecocídio pode ser abordado na ficção científica, a partir de Alexa Weik von Mossner (2012), entre outros autores, evidenciando as possibilidades da ecoficção (David, 2016). Considera-se que filmes como o escolhido aqui possuem o potencial de trazer imagens poderosas que confrontam pontos de vista e alertam para os impactos causados pelo ser humano na natureza, tornando gráficos, números e relatórios em “coisas visíveis” e chocantes.

Palavras-Chave: Antropoceno. Ecocídio. Narrativa. Cinema. Ecocrítica.

Abstract:

An isolated beach where time passes quickly can be interpreted as a metaphor for understanding problems of great acceleration. This is the setting for the french horror comics *Château de Sable* (*Castle of Sand*, 2010), by Frederik Peeters and Pierre-Oscar Lévy, which was an inspiration for the film *Old* (2021), directed by M. Night Shyamalan. This text proposes, through an ecocritical perspective, the analysis of this film based on reflections on the narratives of the Anthropocene, based on the notes of Gabriele Dürbeck (2020), and on how ecocide is approached in science fiction, based on Alexa Weik von Mossner (2012), among other authors, highlighting the possibilities of eco-fiction. It is considered that films like the one chosen here have the potential to bring powerful images that confront points of view and point to the impacts caused by human beings on nature, turning charts, numbers and reports into visible and shocking things.

Keywords: Anthropocene. Ecocide. Narrative. Cinema. Ecocriticism.

Introdução

Como seria se o tempo fosse acelerado para os humanos da mesma forma como tem ocorrido para a natureza? E os homens e mulheres da sociedade de consumo se soubessem

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisadora do Grupo de Estudos Ecocríticos (GEco). E-mail: scheylahorst@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0592-4419>.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Um dos líderes do Grupo de Estudos Ecocríticos (GEco). E-mail: klausegge@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4484-8874>.

que serão os próximos seres a serem extintos? As respostas para estas perguntas podem ser um caminho de interpretação para o filme *Old* (*Tempo*, 2021), do cineasta indiano M. Night Shyamalan, que tem como inspiração a história em quadrinhos francesa intitulada *Castelo de Areia* (*Château de Sable*, 2010).

Nesse sentido, este texto propõe a reflexão sobre aspectos do longa-metragem, levando em consideração reflexões a respeito das narrativas existentes no Antropoceno, a partir dos apontamentos da pesquisadora Gabriele Dürbeck (2020) no texto *Narratives of the Anthropocene: from the perspective of postcolonial ecocriticism and environmental humanities*, e de como o ecocídio pode ser abordado na ficção científica, conforme a perspectiva da autora Alexa Weik von Mossner (2012) no artigo *Afraid of the dark: visceralizing ecocide in The Road and Hell*.

Antropoceno, termo cunhado pelo biólogo norte-americano Eugene F. Stoermer, na década de 1980, foi amplamente disseminado pelo cientista holandês Paul Crutzen nos anos 2000. Assim, o conceito é atravessado pelo fenômeno da “grande aceleração”, expressão do químico norte-americano Will Steffen, que se dá pela junção do triplo crescimento: populacional, econômico e de urbanização evidente ainda mais a partir da década de 1950. Tais aumentos causaram mudanças em ecossistemas, com um apelo da ênfase no consumo de massa (Unesco, 2018).

As considerações científicas acerca de uma época geológica se dão por uma série de fatores, como características paleoambientais, paleontológicas e sedimentológicas, detectadas e analisadas em escala global. Portanto, existem outros termos em discussão nos dias de hoje, como Capitoloceno, trazido à tona pelo historiador e geógrafo norte-americano Jason W. Moore que, como o título indica, atribui as alterações ao capitalismo, e ainda Ocidentaloceno³, tendo em vista a maior fatia da responsabilidade sobre as mudanças climáticas estar relacionada às nações chamadas de ocidentais (Unesco, 2018).

Em tempos de Antropoceno, que registram visíveis pegadas humanas e perceptível aceleração de índices de destruição ambiental, promover uma pesquisa com foco ecocrítico se torna importante por discutir transversalmente temas e conceitos emergentes, evidenciando seus impactos também nos estudos literários. De tal modo, este artigo propõe uma interpretação de um produto cultural contemporâneo, que é o filme *Tempo* (2021), evidenciando o potencial de determinadas temáticas para o despertar das pessoas quanto, até mesmo, ao instinto de sobrevivência.

³ Perspectiva do historiador francês Christophe Bonneuil (2014) no texto *L'Anthropocène et ses lectures politiques*.

Nesse contexto apresentado, “beyond geology and natural sciences, the Anthropocene idea has been influential in various fields of science, from social economy and science and technology studies to law and political sciences, from architecture, urban studies, and archeology to philosophy, history, literary studies, and the arts” (Dürbeck, 2020, p. 275).⁴

Assim, tomando como ponto de partida a ecocrítica, uma das perguntas listadas na coletânea clássica organizada por Cheryll Glotfelty (1996) para guiar análises é responder como a natureza é representada e qual é o papel do ambiente físico na composição artística em questão. Em consonância, Dürbeck (2020) salienta que a ecocrítica pós-colonial busca entender como narrativas literárias e culturais podem ser utilizadas para desafiar e transformar relações humanas com o meio ambiente, promovendo maior justiça ambiental e uma compreensão profunda acerca da interconexão entre todas as formas de vida.

A ecocrítica, de tal modo, presta atenção nas relações traçadas entre os seres humanos e o que há de não humano, também, com apontamento de repensar comportamentos e ações sociais, pois “ecocriticism, then, tends to focus on the relationship of the reader’s attitude toward the text’s representation of the extratextual world more so than the world imaginatively represented in the text” (Murphy, 2009, p. 6).⁵

Para Greg Garrard (2006), as questões ambientais demandam uma investigação cultural e científica, pois “são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso implicará em estudos interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental, bem como à ecologia”. E continua: “O estudo da retórica fornece-nos o modelo de uma prática de leitura cultural ligada a interesses morais e políticos, bem como uma prática atenta às interpretações reais ou literais [...] da ‘natureza’ e do ‘meio ambiente’” (Garrard, 2006, p. 29).

No ponto de vista de Dürbeck (2020), as narrativas do Antropoceno são diferentes interpretações e perspectivas sobre a relação entre a humanidade e o meio ambiente em um contexto de mudanças ambientais globais. Para ela, existem cinco narrativas principais do Antropoceno: 1) a narrativa do desastre, 2) a narrativa do tribunal, 3) a narrativa da grande transformação, 4) a narrativa (bio)tecnológica e 5) a narrativa da interdependência reflexiva da natureza-cultura. Conforme a autora:

⁴ “Além da geologia e das ciências naturais, a ideia do Antropoceno tem sido influente em vários campos da ciência, desde a economia social e ciência e estudos de tecnologia para direito e ciências políticas, desde arquitetura, urbanismo, estudos e arqueologia para filosofia, história, estudos literários e artes” (Dürbeck, 2020, p. 275, tradução nossa).

⁵ “A Ecocrítica, então, tende a se concentrar na relação da atitude do leitor em relação à representação do mundo extratextual no texto, mais ainda do que o mundo imaginativamente representado no texto”⁵ (Murphy, 2009, p. 6, tradução nossa).

The Anthropocene concept has been presented as a narrative from the beginning, as a story with protagonists, a plot with cause-effect relationships, a spatial and temporal structure that serves the purpose of the foundation of meaning. The protagonist is the entire human species, a geophysical force that leaves a footprint on the planet which will still be detectable in the sediments, for example by radioactive isotopes, even after hundreds of thousand of years (Dürbeck, 2020, p. 275)⁶

O Quadro 1 realiza a sistematização da descrição de cada uma delas, com base em Dürbeck (2020).

Quadro 1: Tipos de Narrativas do Antropoceno

Narrativa	Descrição
Narrativa do Desastre	Antropoceno aparece como a soma do esgotamento do meio ambiente.
Narrativa do Tribunal	Atribui aos países desenvolvidos a destruição ambiental global, recorrendo a termos como Tecnoceno, Capitaloceno e Plutoceno.
Narrativa da Grande Transformação	Aponta esforços para reduzir causas da destruição ambiental, aliados à adaptação a alterações do sistema terrestre, recorrendo a tecnologias e maior eficiência ambiental.
Narrativa Biotecnológica	Divulga intervenções tecnocráticas, como Geoengenharia e ideias eco-modernistas.
Narrativa de Interdependência entre Natureza e Cultura	Coloca o Antropoceno como uma oportunidade de repensar a humanidade a partir de uma perspectiva pós-humanista.

Fonte: Baseado em Dürbeck, 2020.

Cada uma dessas narrativas propõe diferentes medidas para abordar a crise climática global e permanecer dentro dos “limites planetários”. Com base nos estudos de Johan Rockström (2009), do Centro de Resiliência de Estocolmo, existem nove limites que são fundamentais para que a estabilidade seja mantida no planeta: integridade da biosfera, mudança climática, novas entidades (como microplásticos), esgotamento do ozônio estratosférico, carga de aerossol atmosférico, acidificação do oceano, fluxos bioquímicos (fósforo e nitrogênio), uso de água doce e mudanças no uso da terra. Os limites aparecem de certa maneira no filme *Tempo* (2021), já que a trama apresenta uma praia em que existe a desordem no meio ambiente.

⁶ O conceito de Antropoceno tem sido apresentado como uma narrativa a partir do início, como uma história com protagonistas, uma trama com relações de causa e efeito, uma estrutura espacial e temporal que serve ao propósito de fundamentação do sentido. O protagonista é toda a espécie humana, uma força geofísica que deixa uma pegada no planeta que ainda será detectável em sedimentos, por exemplo por isótopos radioativos, mesmo depois de centenas de milhares de anos (Dürbeck, 2020, p. 275, tradução nossa).

De seu turno, Alexa Weik von Mossner (2012) explora como os filmes de ficção científica conseguem auxiliar a visualizar e entender as consequências do ecocídio⁷, que pode ser entendido como a destruição intencional do meio ambiente, por meio de atitudes que carreguem potencial de afetar a natureza, isso porque “as a speculative genre that ‘dreams’ alternative and often futuristic worlds into existence, science fiction is in a near ideal position to explore perceived risks and anxieties regarding large scale environmental change” (Weik von Mossner, 2012, p. 43)⁸.

A autora também discute os motivos comuns em filmes de ficção científica que lidam com mudanças ambientais, como a representação de um mundo pós-apocalíptico e a luta pela sobrevivência em um ambiente hostil. Além disso, aponta que a experiência visceral de assistir a esses filmes pode ajudar as pessoas a sentirem empatia com as vítimas do ecocídio e a entenderem melhor suas próprias ansiedades em relação às mudanças ambientais (Weik von Mossner, 2012).

Assim, para Weik von Mossner (2012), a ficção científica é um gênero particularmente eficaz quando tematiza questões ambientais, pois permite a visualização de cenários extremos, bem como a exploração das consequências das ações humanas no presente. “Together with the performances of the human actors and the tension and suspense built by the narratives, I will argue, the spectacle and insinuated agency of these ecological spaces are centrally responsible for the films’ motional force and for their ability to engage viewers in stories of global ecocide and human survival” (Weik von Mossner, 2012, p. 43)⁹.

Diante disso, tais perspectivas apresentadas serão empregadas como chaves da discussão sobre o corpus deste texto a partir de agora.

Um modo de vida imperial

Em setembro de 2021, o filme *Old* foi lançado, após produção realizada durante o período de ápice da pandemia de Covid-19. Trata-se de um suspense de terror psicológico

⁷ Em 2020, um grupo internacional constituído por juristas criou a seguinte definição para ecocídio a fim de que seja inserido no Estatuto de Roma do Tribunal Penal Internacional (ONU, 2002): “para os efeitos do presente Estatuto, entender-se-á por ecocídio qualquer ato ilícito ou arbitrário perpetrado com consciência de que existem grandes probabilidades de que cause danos graves que sejam extensos ou duradouros ao meio ambiente”.

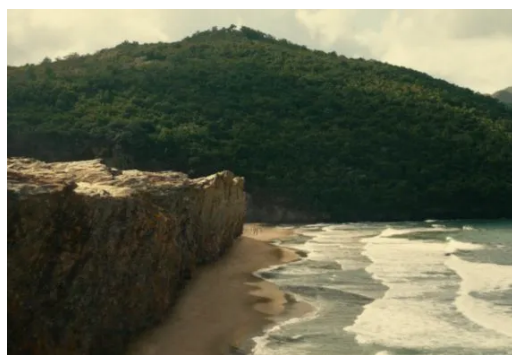
⁸ “Enquanto gênero especulativo que ‘sonha’ com a existência de mundos alternativos e muitas vezes futuristas, a ficção científica está numa posição quase ideal para explorar os riscos e ansiedades percebidos em relação às mudanças ambientais em grande escala” (Weik von Mossner, 2012, p. 43).

⁹ “Juntamente com as performances dos humanos atores e a tensão e o suspense construídos pelas narrativas, o espetáculo e agência insinuada desses espaços ecológicos são os principais responsáveis pela força emocional e por sua capacidade de envolver os espectadores em histórias de ecocídio global e sobrevivência humana” (Weik von Mossner, 2012, p. 43, tradução nossa).

escrito, dirigido e produzido por M. Night Shyamalan, conhecido por seu trabalho em filmes que obtiveram popularidade, tais como *O Sexto Sentido* (1999), *Corpo Fechado* (2000), *Sinais* (2002) e *A Vila* (2004), dentre outros.

O filme *Old* (2021), como citado, é baseado na *graphic novel* francesa *Castelo de Areia* (2010), escrita por Pierre Oscar Levy e ilustrada por Frederik Peeters. Em entrevistas publicadas na mídia, o autor da HQ afirma que “a trama é também sobre a questão das mudanças climáticas. Quando soubermos que seremos extintos, vamos nos sentir como os personagens naquela praia, cheios de medo”, já disse Levy (Folha, 2021, s.p.).

Figura 1: A praia na HQ e no longa-metragem



Fonte: Peeters, Lévy (2010) e Tempo (2021)

Cabe destacar que o roteiro do filme gira em torno de um grupo de pessoas hospedadas em um *resort* que é convidado a passar um dia em uma praia paradisíaca e remota, em uma experiência de turismo de luxo. Todavia, após algumas ocorrências desconcertantes, eles ficam aturdidos ao perceberem que estão envelhecendo de forma acelerada: cada hora naquela praia equivale a dois anos de suas vidas.

Os personagens são privilegiados, em termos profissionais e financeiros: um médico bem-sucedido com família, um *rapper* conhecido, um especialista em matemática e estatística de seguros casado com uma curadora de museus, uma psicoterapeuta casada com um enfermeiro. Todos ganham bem, podendo pagar o paraíso. Classe média alta de sociedades do Norte global. Têm o que em geral é considerado uma vida boa – a possibilidade de viajar de avião para passar férias num *resort* de luxo situado no Sul global faz parte do seu estilo de vida.

Os pesquisadores Ulrich Brand e Markus Wissen (2021) chamam a vida cotidiana nos centros capitalistas (inclusive as relações socioecológicas com a natureza) de modo de vida imperial e comentam que este termo conecta a vida cotidiana das pessoas às estruturas sociais

globalizadas. A intenção do conceito “é tornar visíveis os pré-requisitos sociais e ecológicos dos padrões dominantes de produção, distribuição e consumo, bem como as relações de poder por trás dessas esferas” (Brand e Wissen, 2021, p. 91).

Ironicamente, aqueles que pagaram para poder usufruir os serviços de um local caro que oferece hospedagem, recreação e divertimento, inclusive acesso a um pedaço de natureza aparentemente intocado, uma praia paradisíaca de difícil acesso, estão sendo vítimas de um poder desconhecido, que no final do filme é revelado como empresa farmacêutica multinacional. Em vez de poder pausar da vida acelerada nos centros urbanos ricos, são expostos a uma aceleração biológica extremamente rápida. As férias no *resort* que servem para parar o tempo e rejuvenescer aqueles que têm o poder de compra necessário levam exatamente ao contrário.

À medida que as crianças envelhecem rapidamente, o filme revela uma fábula ecológica que leva a um discernimento aparentemente banal, porém muito amargo: as crianças de hoje são os adultos de amanhã, aqueles que sofrerão com problemas que a geração anterior ignorou, como o poder descontrolado de megaempresas internacionais, o colapso de ecossistemas inteiros, a grande crise climática entre outros.

Na realidade, estamos todos envelhecendo a um ritmo recorde: as pessoas, os ecossistemas, o planeta inteiro.

Uma narrativa do desastre

Em crítica ao filme, Sarah Wright (2021, s. p.)¹⁰ comenta que Shyamalan destaca a propensão de outros de seus títulos, como “seeing dead people, being mortal, and often feeling trapped, as climate change increasingly evokes”. E aponta questionamentos levantados pelo longa: “What is important to us when time is short? What can time teach us – and what can it steal from us?”.

Nesse sentido, é possível interpretar esta grande aceleração pelo olhar ecocrítico, estabelecendo um paralelo desta perspectiva com os dados associados ao Antropoceno, sendo que, conforme José Augusto Pádua (2015, s.p.): “a concentração de CO₂ na atmosfera é um claro indicador dessa mudança no ritmo: o crescimento foi relativamente modesto entre 1900 e 1957, passando de 297 para 316 ppm (partes por milhão). Em 2010, no entanto, ela já havia

¹⁰ “Ver pessoas mortas, ser mortal e se sentir preso, como a mudança climática evoca cada vez mais... O que é importante para nós quando o tempo é curto? O que o tempo pode nos ensinar – e o que ele pode nos roubar?” (Wright, 2021, s.p., tradução nossa).

saltado para 395 ppm”. Estes dados são apenas um exemplo do ritmo imposto pelos humanos aos não humanos no decorrer de poucas décadas.

Voltando ao que se passa no filme, o grupo se vê preso a um local que tem um relógio implacável e parece estar se “vingando” deles, com o poder de envelhecer quem ali está, tornando os personagens crianças em adultos e os adultos em idosos em questão de horas. Sem tempo para refletir a respeito das situações que se sobrepõem, eles precisam lidar com conflitos pessoais e mudanças físicas e comportamentais. O aspecto absurdo dos acontecimentos faz com que os personagens pareçam dormentes e incapazes de reagir.

Mais à frente, porém, os espectadores receberão indicações de que a praia de fato possui algum tipo de magnetismo que acelera a destruição das células. Todavia, aquelas pessoas foram intencionalmente selecionadas por suas doenças pré-existentes para fazerem parte – sem consentimento – de um experimento de uma grande indústria a respeito da eficácia de medicamentos. Por isso, são filmados a distância o tempo todo a fim de gerarem o registro “científico” de como os remédios previamente manipulados em bebidas no hotel poderiam combater males como epilepsia, demência, câncer ou coagulação de sangue.

Pelo viés de Dürbeck (2020) sobre as narrativas do Antropoceno, nota-se a possibilidade de entender o filme *Old* (2021) como uma narrativa do desastre, que destaca a ideia de que a crise climática global é uma ameaça iminente e catastrófica. Assim, alerta para os impactos negativos das atividades humanas, no caso do filme, para atitudes humanas que podem levar a alterações perigosas e irreversíveis. “The disaster narrative is usually directed at Western audiences; it names and shames globalized industry, technology, and capitalistic systems and calls for fundamental cultural change, focusing on strategic purpose” (Dürbeck, 2020, p. 277).¹¹

A autora também destaca a ambivalência deste tipo de narrativa, que acaba deixando de lado questões como justiça ambiental, por exemplo:

Postcolonial ecocriticism calls attention to the implicit reproduction of power structures that emphasizes the agency of the Global North and neglects the voices in the global periphery. It calls for a more prominent inclusion of the disaster experienced and the agency at the periphery, a more multi-perspectival narration, and a more differentiated consideration of audiences (Dürbeck, 2020, p. 277).¹²

¹¹ “A narrativa do desastre é geralmente dirigida ao público ocidental; nomeia e envergonha a indústria, a tecnologia e os sistemas capitalistas globalizados e clama por uma mudança cultural fundamental, com foco em estratégias propósitos” (Dürbeck, 2020, p. 277,¹¹ tradução nossa)

¹² A ecocrítica pós-colonial chama a atenção para a reprodução implícita de estruturas de poder que enfatiza a agência do Norte Global e negligencia as vozes na periferia global. Exige uma inclusão mais proeminente do

Visto como uma narrativa do Antropoceno, o filme pode ser tomado como uma metáfora para a forma como as atividades humanas têm acelerado a destruição de mundos. Afinal, os fatídicos acontecimentos na praia estarem relacionados a um experimento desenvolvido por uma indústria farmacêutica sem ética, o que é descoberto somente no final do longa-metragem, e pode ser considerado também uma representação do desejo humano insaciável por desenvolvimento, progresso e ganhos materiais, sem considerar as consequências dessas ações.

Nesse contexto, cabe a reflexão sugerida pela pesquisadora Sophia David (2016) em sua tese *Eco-Fiction: Bringing Climate Change into the Imagination*, de que produções que trazem uma via de interpretação pelas mudanças climáticas ou exploração desenfreada da natureza - chamadas por ela de eco-ficção - conseguem tornar palavras, gráficos, relatórios e números em “coisas visíveis”, trazendo a temática à imaginação, pois muitas vezes os termos técnicos distanciam as pessoas de uma relação amigável com a natureza:

Though climate change can remove certain referents, it also generates its own language, with scientific, economic, media and technical terms. Yet these terms are often stale and do little for building regard towards nature. So that we can relate to climate change in more productive and dynamic ways, we need to bring its discourse into our cultural thinking, to appeal to the imagination (David, 2016, p. 60).¹³

Além disso, o filme aborda a desconexão do ser humano com a natureza, contemplando uma crítica também ao turismo comercial de luxo, já que apresenta a natureza daquele local como um produto “vip”, tendo em vista o contexto de *resort* em que os clientes são levados a uma praia “exclusiva” e de difícil acesso.

Considerações Finais

Este texto foi conduzido com temáticas relacionadas à ecocrítica, propondo reflexão sobre o enredo do filme *Old* (2021), que é adaptação de uma história em quadrinhos. Embora não seja comentado e criticado necessariamente pelo viés abordado aqui, o longa-metragem tem esse potencial.

desastre vivido e da agência na periferia, uma narração mais multiperspectiva e uma consideração mais diferenciada dos públicos (Dürbeck, 2020, p. 277, tradução nossa).

¹³ “Embora as alterações climáticas possam remover certas referências, também geram uma linguagem própria, com recursos científicos, econômicos, midiáticos e termos técnicos. No entanto, estes termos são muitas vezes obsoletos e pouco contribuem para a construção de respeito em direção à natureza. Para que possamos relacionar-nos com as alterações climáticas de uma forma mais produtiva e dinâmica, precisamos trazer o seu discurso para o nosso pensamento cultural, para apelar à imaginação” (David, 2016, p. 60).

De tal modo, o presente texto trata esta produção cinematográfica como uma narrativa do Antropoceno, mais especificamente, uma “narrativa do desastre”. Isso porque evidencia como é chocante acompanhar na tela o tempo passar rápido demais para um humano, e todos os impactos disso no corpo, nos sentimentos, nas relações interpessoais e nos sintomas – já que se trata de um grupo composto por pessoas selecionadas por suas doenças.

Com a concatenação de cenas intensas que mostram desde uma gravidez que se passa em minutos, uma doença mental que piora com contundência, até um câncer que cresce velozmente, as pessoas começam a enfrentar, de uma só vez, dilemas existenciais que seriam atravessados no decorrer de anos e, inevitavelmente, começam a morrer um a um no filme.

Os acontecimentos na tela assustam, incomodam e trazem uma ponderação sobre o impacto das ações humanas na natureza, que tem acompanhado em curso a sexta extinção em massa de espécies, indicada por Ceballos *et al* (2015) no estudo *Accelerated modern human-induced species losses: entering the sixth mass extinction*, tendo em vista, entre outros dados, o fato de que 40% dos mamíferos tiveram diminuição de 80% dos seus habitats no período de 1900 a 2015 (Unesco, 2018).

Por fim, é interessante pensar que no encerramento do filme são os corais os responsáveis por possibilitarem que os dois adultos sobreviventes, que eram crianças quando chegaram à praia, consigam sair daquele local e protagonizarem o desfecho da história. Na ficção, os corais neutralizam os efeitos negativos sofridos e proporcionam um respiro, uma nova oportunidade.

Neste ponto, cabe a reflexão sobre o fato de os corais serem alguns dos não humanos que estão desaparecendo de maneira acelerada por conta do aquecimento das águas dos oceanos, poluição e exploração. Todavia, o filme indica que pode existir uma saída, e ela é pela natureza.

Referências

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Modo de vida imperial**: Sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global. São Paulo: Elefante, 2021.

CEBALLOS, Gerardo; EHRLICH, Paul R.; BARNOSKY, Anthony D.; GARCÍA, Andrés; PRINGLE, Robert M.; PALMER, Todd M. Accelerated modern human-induced species losses: entering the sixth mass extinction. **Sci. Adv.** Junho de 2015.

DAVID, Sophia. **Eco-Fiction**: Bringing Climate Change into the Imagination. Tese de Doutorado. Universidade de Exeter. 2016.

DÜRBECK, Gabriele. Narratives of the Anthropocene: from the perspective of postcolonial ecocriticism and environmental humanities. In: ALBRECHT, Monika. **Postcolonialism Cross-examined: multidirectional perspectives on imperial and colonial pasts and the neocolonial present**. New York: Routledge, 2020.

FOLHA de São Paulo. Shyamalan lança *Tempo*, inspirado em HQ de terror sobre mudanças climáticas. Claudio Gabriel. 28 de julho de 2021. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/shyamalan-lanca-tempo-inspirado-em-hq-de-terror-sobre-mudancas-climaticas.shtml>. Acesso em 7 de agosto de 2023.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, UnB, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: Literary Studies in an Age of Environmental Crisis. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Georgia: University of Georgia Press Athens, 1996.

MURPHY, Patrick. **Ecocritical explorations in literary and cultural studies: fences, boundaries, and fields**. Reino Unido: Lexington Books, 2009.

PÁDUA, José Augusto. Vivendo no Antropoceno: incertezas, riscos e oportunidades. In: OLIVEIRA, Luiz Alberto. **Museu do Amanhã**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.

PEETERS, Frederick; LÉVY, Pierre Oscar. **Castelo de Areia**. São Paulo: Atrabile, 2010.

TEMPO. Direção e Produção: M. Night Shyamalan. 1h48m. Estados Unidos: Universal, 2021.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Bem-vindo ao Antropoceno**. Correio da Unesco, n. 2, 2018.

WEIK VON MOSSNER, Alexa. Afraid of the dark and the light: visceralizing ecocide in *The Road* and *Hell*. **Ecozon@**, vol. 3, n. 2, 2012.

WRIGHT, Sarah. What does M. Night Shyamalan's 'Old' say about aging and our Society? **Changing America**. 2021. Disponível em: <thehill.com/changing-america/opinion/565009-what-does-m-night-shyamalan-s-old-say-about-aging-and-out-society>. Acesso em 15 de setembro de 2023.